

HENRY DAVID THOREAU

# ANDAR A PÉ

Tradução de  
Raquel Ochoa

alma  
dos  
livros

## Prefácio

Nos meus passeios, depois de traduzir este livro, comecei a atravessar baldios, numa sede de terrenos sem cimento, estrada ou calçada, num inegável apelo ao prazer de trespassar, e assim comecei a encontrar tesouros, por exemplo, trilhos escondidos debaixo dos pinheiros centenários, trilhos abertos porque alguém ali passeia, repetidamente, mas nunca se vêem — os caminhantes são uma raça discreta e silenciosa.

Na viagem, não importa aonde se chega, mas sim o partir, é um dito conhecido, ou outra forma de dizer que nunca podemos dar-nos ao luxo de não viver o tempo presente, a cada segundo, a cada metro palmilhado, porque cada um dos nossos momentos debaixo do sol é o maior erário, se conseguimos ESTAR ALI...

Quem diria que a liberdade é a realidade e que as leis e os compromissos são a ficção? Quem diria, nesta vida de corrida e competição, que os nossos músculos em andamento se desenvencilham das correntes em que cada um se deixou enredar por não exercer o seu lado selvagem? Quem e por que razão se deixou apartar tanto da natureza ao ponto de já não se considerar um torrão dela?

Sempre soube que caminhar me trazia lucidez, aumentava a minha ânsia de conhecimento e acalmava a minha busca furiosa para um sentido — um —, ao de leve que fosse, por o absurdo cósmico da vida. Mas foi Thoreau, neste seu radical panfleto, quem me conseguiu explicar a lógica entre a caminhada e o ser livre.

«Há algo de servil no hábito de invocar uma lei a que devemos obedecer. (...) Vivam em liberdade, filhos da névoa — no que diz respeito ao conhecimento, nós somos todos filhos da bruma. O ser humano que escolhe viver em liberdade é superior a todas as leis.»

Tudo é mobilidade, movimento, dança de constelações. Há que descobrir o significado por trás de cada palavra, neste livro, na vida, andando-a, caminhando-a.

Caminhar e dançar são, afinal, sinónimos, e à (há) falta de horas a dançar, que nunca encontremos justificação para deixar de caminhar.

Raquel Ochoa  
Sintra, Fevereiro de 2021

# I

Quero dizer uma palavra em nome da natureza, pela liberdade absoluta e pelo espírito selvagem, em contraste com a liberdade e a cultura meramente civilizadas — considerando o homem um habitante da natureza, ou uma parte ou parcela dela, e não como mero membro da sociedade. Quero fazer uma afirmação radical, e, se puder, de forma enfática, pois já existem suficientes defensores desta civilização: dos padres aos directores da escola. E cada um de vós encarregar-se-á disso.

Apenas encontrei uma ou duas pessoas no curso da minha vida que compreenderam a arte de caminhar, ou seja, de dar grandes passeios — e que tinham talento, assim dizendo, para vaguear, na nossa língua, *saunterer*, palavra maravilhosamente derivada «dos vadios que

erravam pelo país, na Idade Média, pedindo esmolas, sob o pretexto de irem para a Terra Santa, até as crianças gritarem “Aí vai um peregrino da Terra Santa”», um *sainte-terror*, um *saunterer*, um vagabundo. Aqueles que nunca alcançam a Terra Santa nas suas peregrinações, como o fingem fazer, são de facto meros vadios e vagabundos; mas os que lá vão são *saunterers* no sentido real, tal como o entendo. Alguns, todavia, reivindicam a origem da palavra à expressão *sans terre*, sem-terra ou propriedade, que, por isso mesmo, num certo sentido, significará não ter casa específica, mas que igualmente se sentem em casa em todo o lado. Pois este é o segredo da errância bem-sucedida. Aquele que se mantém sempre sentado em casa pode ser o maior errante; e o sem-terra pode não ser mais nómada do que um rio sinuoso, cujo propósito persistente é encontrar o percurso mais curto para o mar. Mas eu prefiro a primeira suposição, que, de facto, é a mais provável origem do termo. Pois cada caminhada é uma pequena cruzada, pregada por um tal Pedro, *o Eremita*, que existe dentro de cada um de nós, para que partamos e reconquistemos a Terra Santa das mãos dos infiéis.

É verdade, hoje em dia não somos mais do que uma pálida versão dos cruzados, e a esta fraqueza nem os caminhantes intrépidos escapam, pois não se comprometem com proezas intermináveis.

As nossas expedições são apenas passeios que terminam à noite no conforto da lareira da qual partimos. Metade da caminhada não é mais do que percorrer lugares já conhecidos. Devíamos ir mais longe no mais simples dos passeios, e talvez, no espírito da aventura infinita, nunca mais regressar — preparados para enviar de volta aos nossos desolados reinos os nossos corações embalsamados, quais singelas relíquias. Se estão dispostos a deixar pai e mãe, irmão e irmã, mulher e filho e amigos, e não voltar a vê-los; se pagaram as vossas dívidas, e escreveram o vosso testamento, trataram dos vossos assuntos, e são homens livres; então estão preparados para uma caminhada.

Para me cingir à minha experiência, eu e o meu companheiro (às vezes tenho quem me faça companhia) temos prazer em imaginarmo-nos cavaleiros de uma nova, ou antes, velha, ordem — não Equestre ou Cavalheiresca, nem de Cavaleiros Andantes ou Paladinos, mas Caminhantes, uma classe, a meu ver, ainda mais antiga e venerável. O espírito heróico e cavalheiresco que antigamente pertencia ao Cavaleiro parece agora residir, ou prevalecer, no Caminhante, no Andarilho — não no Cavaleiro; uma figura como uma espécie de quarto estado, além da Igreja, do Estado e do Povo.

Temos a impressão de que nestas redondezas nos encontramos quase sozinhos na prática desta nobre

arte; embora, para dizer a verdade, pelo menos se as suas afirmações são honestas, a maioria dos meus conterrâneos gostasse de caminhar de vez em quando, como eu faço, mas não pode. Nenhuma riqueza compra os incontornáveis prazeres, liberdade e independência em que assenta a fundação deste ofício. Deriva apenas da graça de Deus. Para nos transformarmos em caminhantes, precisamos de uma licença directa dos Céus. Há que ter nascido caminhante para pertencer a esta casta. *Ambulator nascit, non fit* (nasci ambulante, não me fiz). Alguns dos meus conterrâneos, em boa verdade, conseguem lembrar-se e descrever-me caminhadas que fizeram há dez anos, nas quais, imagine-se, tiveram a bênção de se perder meia hora no bosque; mas eu sei muito bem que desde aí se limitaram às estradas do país, por mais que pretendam integrar esta selecta classe. Sem dúvida que foram elevados por um momento, como se de uma reminiscência de um anterior estado de existência se tratasse, quando ainda eram homens da floresta e foras-da-lei.

*«Chegado aos verdes bosques  
 Numa linda manhã  
 Escutou os suaves chilreios  
 De pássaros cantores.»*